

Saindo da U.T.I.

Programa federal de ajuda a hospitais universitários abre caminho para melhorar atendimento do HUB

O Hospital Universitário da Universidade de Brasília (HUB) vive diariamente o caos. Com dia para acabar, mas ainda caos. A cada dia, há menos funcionários, a maioria das máquinas está perto de virar sucata e o dinheiro, que deveria ser usado para pagar a renovação do equipamento, é desviado para pagar salários dos funcionários. Situa-

ção complicada para os administradores, mas que está perto de melhorar graças a um esforço conjunto de governo federal, local e universidade.

O ano 2000 promete. A partir de um acordo entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, surgiu o Programa Interministerial de Reforço à Manutenção dos

Hospitais Universitários. Para este ano, estão previstos R\$ 60 milhões para todas as 45 instituições de saúde e ensino do país. Cada ministério se responsabiliza com a metade do total. Para o HUB, o dinheiro que lhe for repassado será, em grande parte, investido para pagar funcionários e, especialmente, renovar equipamentos.

Maria Clarice Dias
Da equipe do Correio

Fotos: Edson Gê



Com um atendimento voltado para 22 mil pacientes por mês, Hospital Universitário tem como meta construção de um novo ambulatório

Os anos 90 foram um sufoco para o HUB. Nesse período, aumentou o trabalho e diminuiu o número de funcionários. De 1991 até 20 de dezembro de 1999, o hospital aumentou em 17% o número de leitos. De 250 internações por mês, passou a fazer mil; de 8 mil consultas mensais, foi para 25 mil. Além disso, subiu em 25 mil a quantidade de exames especializados — um aumento de 10 mil para 35 mil. A população do Distrito Federal (DF), conforme esses números, parece ser atendida por um hospital cada vez melhor, ao menos nos últimos oito anos. Essa é a parte boa.

Agora, a parte ruim. Infelizmente, bem mais extensa. Mesmo com trabalho a mais, a equipe do HUB diminui a cada dia. Os funcionários trabalham com máquinas, em sua maioria, à beira do sucateamento e com estruturas muitas vezes improvisadas.

Por exemplo, no prédio onde funciona o ambulatório do HUB, procurado mensalmente por perto de 18 mil pessoas, existia uma escola: o Centro Integrado de Ensino Médio (Ciem). A adaptação obrigou os médicos a atenderem em salas improvisadas — algumas vezes minúsculas, outras vezes enormes. Um improviso que completa 20 anos em 2000. A área foi cedida em 1980 ao hospital, que ainda não se chamava HUB e tampouco era regido pela UnB.

Quanto às máquinas sucateadas, o problema é ainda mais grave. O centro de hemodiálise, onde se tratam pacientes com insuficiência renal, funciona no limite de segurança. “Não que os tratados corram perigo de vida neste momento, mas, se não renovarmos o equipamento, logo teremos que desligar as máquinas”, avalia o diretor em exercício do HUB, André Vianna.

Tem mais. Alguns exames, fundamentais para o funcionamento de qualquer centro de saúde que atende a um grande número de pessoas, não podem ser feitos no HUB por inexistência de equipamentos. O aparelho de tomografia computadorizada é um exemplo. Se um especialista determina que o exame deve ser feito para ajudar na avaliação da doença, o paciente deve ir a outro hospital, fazer a tomografia e voltar ao médico do HUB. Ele chega em uma instituição, mas tem de ir a outra para completar o exame.

Conforme Vianna, parte da dificuldade que vive o hospital tem a ver com o fato de a instituição ter um dia pertencido ao governo federal. “No governo Collor, a universidade recebeu os prédios, mas não houve qualquer de orçamento para o HUB. Sem dinheiro no orçamento, não há como fazer funcionar uma estrutura desta dimensão”, argumenta.

Vianna acredita que o hospital não recebe a atenção que merece. Uma reclamação frequente entre os administradores públicos. No entanto, muitos esforços são feitos para melhorar a situação. Em 1998, os onze parlamentares que formam a bancada do DF apresentaram uma emenda coletiva para destinar dinheiro para o HUB.

Para o orçamento do ano passado, os parlamentares conseguiram aprovar e executar R\$ 2,5 milhões para reformas nos prédios e novas construções. Para este ano, o orçamento prevê para o hospital R\$ 2,1 mi-

lhões. Com o dinheiro aplicado em 1999, muito já foi feito. Todo o edifício, de quatro andares, onde são feitas as cirurgias e internações, foi reformado. O caminho entre o prédio do ambulatório e o central, hoje de terra pisada, deverá ser asfaltado.

O prédio do ambulatório “improvisado” pode ser desativado até o fim deste ano. Existe dinheiro previsto para construir uma nova estrutura, dessa vez desenhada para o funcionamento de um ambulatório em condições ideais. Atualmente, funcionam 50 consultórios. Quando a nova sede ficar pronta, serão mais 50. Se os planos da administração atual forem adiante, deverão ser construídos três novos prédios no total.

O ambulatório improvisado será transformado em área de ensino e administração e os novos prédios somarão 150 consultórios. Deverá ser a maior estrutura construída do HUB. Afinal, o ambulatório recebe 80% dos pacientes: das 22 mil pessoas atendidas por mês, 18 mil passam pelo ambulatório.

AJUDA FEDERAL PARA HOSPITAIS

Ministérios da Saúde e da Educação liberam R\$ 60 milhões para hospitais universitários

Em 1999, os Ministérios da

Educação e da Saúde fecharam um acordo para ajudar os 45 hospitais universitários distribuídos pelas 29 instituições de ensino público do país. É o Programa Interministerial de Reforço à Manutenção dos Hospitais Universitários. A Educação repassou R\$ 5 milhões no ano passado. A Saúde transferiu para os cofres das universidades R\$ 30 milhões, divididos em cinco parcelas.

O dinheiro da Saúde destina-se a pagar manutenção, funcionamento, medicamentos e material de uso hospitalar. O MEC investe na compra de equipamentos. Essa parte é a esperança para o HUB resolver a questão crítica do tomógrafo e do sucateamento de

parte do material. Do total de R\$ 35 milhões, o hospital de Brasília recebeu R\$ 870,7 mil. Para a instituição de saúde do Espírito Santo, foram R\$ 755,4 mil. Para a Universidade do Rio de Janeiro foram R\$ 477,3 mil. Para Santa Catarina, R\$ 808,3 mil. Para a Bahia, R\$ 1,4 milhão.

Este ano, o programa continua. Cada ministério deverá repassar R\$ 30 milhões para os hospitais universitários. Segundo José Luiz Valente, diretor do Departamento de Desenvolvimento do Ensino Superior do MEC, o programa foi criado exatamente para resolver parte da crise de sucateamento das máquinas dos hospitais e para evitar que o di-

nheiro do Sistema Único de Saúde (SUS) seja desviado para pagar salário de funcionários.

“A terceirização de serviços tem sido a melhor solução para preencher as vagas dos hospitais. Mas, como o MEC não tem dinheiro para pagar todos os que trabalham lá, procuramos repassar anualmente mais dinheiro e, com isso, ajudar”, explica.

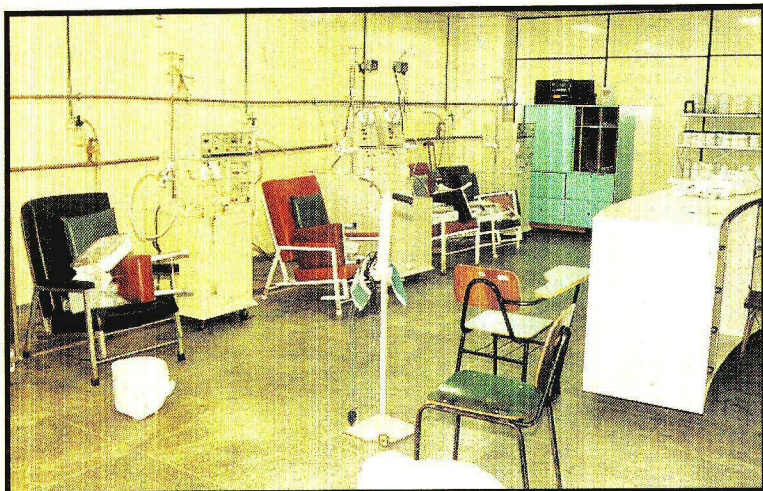
O dinheiro federal vem para tirar o hospital do fundo do poço. Em 1998, o HUB sobreviveu, aos trancos e barrancos, com o dinheiro do SUS (do qual boa parte é desviada para pagar 50% dos funcionários) e com o pagamento dos professores pelo MEC. No ano passado, muitas vezes, os serviços de atendimentos à população ameaçaram fechar.

Os recursos que vieram com a ajuda da bancada federal (os R\$ 2,5 milhões aprovados em 1998 e liberados no decorrer do ano passado) tinham destinação certa: reformas, construções, pinturas. Ou seja, as máquinas velhas instaladas em salões limpos, recém-pintados e com novas tubulações. Do dinheiro para investimento em material para funcionar a instituição, nem cheiro. Pelo menos até o ano passado.

Apesar de a carência de funcionários ser crítica em todos os hospitais (universitários ou não) do país, a situação do HUB, e também do Hospital Universitário do Maranhão, é ainda pior. Quando o antigo Hospital Docente Assistencial — e ainda mais antigo Hospital Presidente Médici — foi cedido definitivamente à Universidade de Brasília (UnB), em 1991, a maioria dos funcionários do hospital estava vinculada ao Ministério da Saúde. O fato de uma vez ter sido hospital do governo federal deixa indefinida a parcela que deve sair do MEC, do Ministério da Saúde e até do Governo do Distrito Federal, que, segundo Vianna, deve também contribuir de alguma forma para sustentar o HUB.

Eram, então, 1.280 trabalhadores (entre médicos, administradores e equipes de manutenção) que recebiam pelo então Instituto Nacional de Previdência Médica da Assistência Social (Inamps, que hoje é o INSS, Instituto Nacional do Seguro Social). Em 1991, a universidade assumiu a instituição de ensino. Parte dos funcionários, 76 professores e médicos, era paga pelo MEC, já que o vínculo era com o ensino. Outra parte, que somava 1.280 trabalhadores, era paga pelo Ministério da Saúde — eram os remanescentes do Inamps. Ainda havia 683 trabalhadores terceirizados, pagos com dinheiro do SUS.

Em dezembro de 1999, o MEC passou a pagar por 469 funcionários (professores da UnB). Os terceirizados, pagos com dinheiro do SUS, são 728. No entanto, a Saúde hoje paga por apenas 538 funcionários, 742 a menos que há oito anos. No fim das contas, o HUB tem menos 294 pessoas trabalhando agora em relação a 1991. “As vagas das pessoas que se aposentam pelo antigo Inamps não são preenchidas. Simplesmente fecham. Só Deus sabe até quando vai durar essa situação”, diz Lauro Morhy, reitor da UnB e primeiro responsável pelo HUB.

**LIMITE**

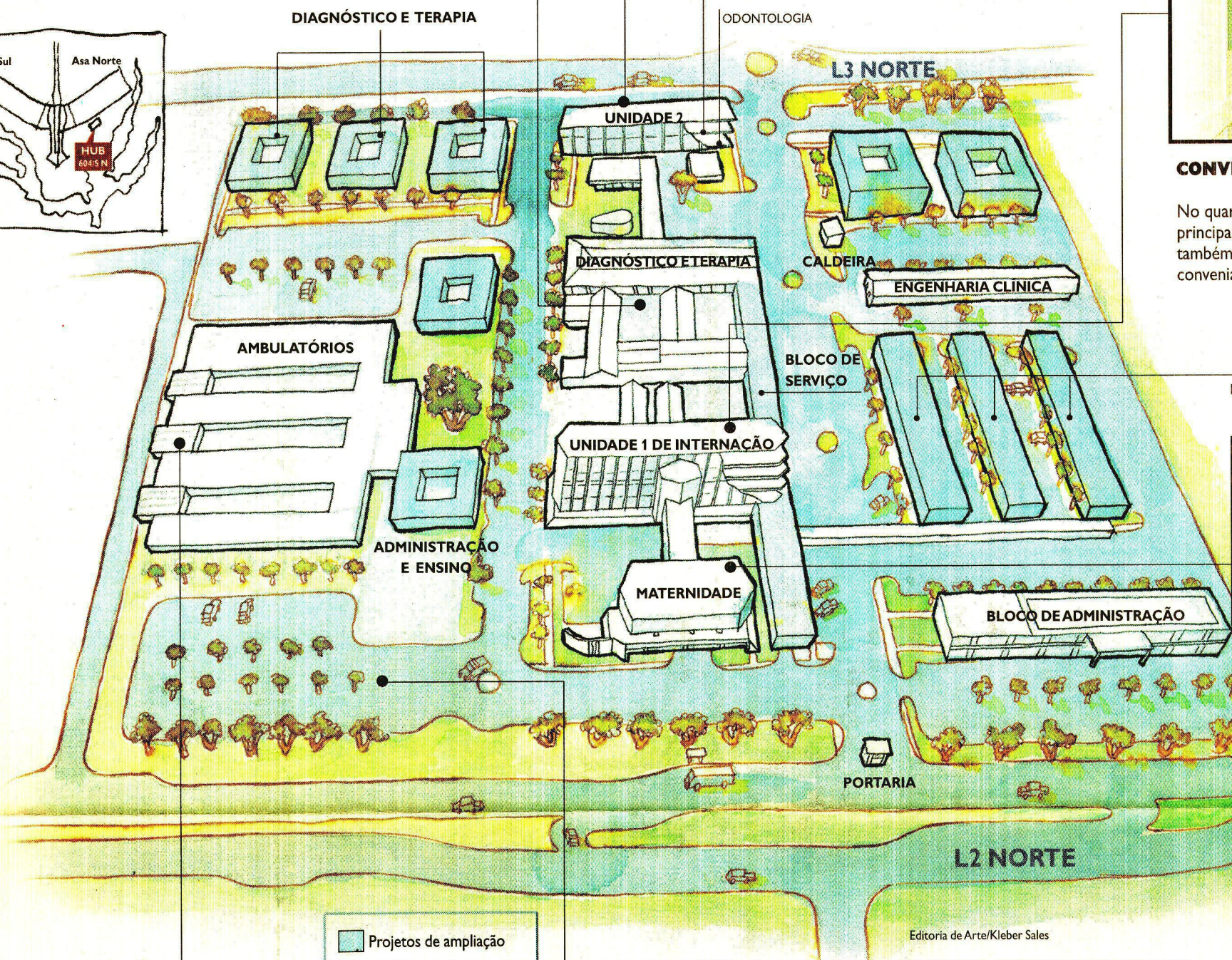
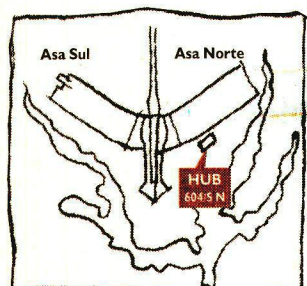
Atualmente, seis máquinas de hemodiálise funcionam a duras penas. Seriam necessários, pelo menos, mais 13 aparelhos para que o serviço ficasse satisfatório

**CLASSES**

Em todas as seções do HUB, existe uma sala de aula. Por menor que seja, funciona para que os professores-médicos repassem também conhecimentos teóricos dentro do hospital

**CONVÊNIO**

No quarto andar, recém-reformado, do edifício principal, a direção pretende que funcione também a prestação de serviço a pacientes conveniados. Uma opção para ganhar dinheiro

**INTERNAÇÃO****RISCO**

O hospital é um dos dois do DF que tem UTI neonatal. A estudante Raphaela Oliveira, 19 anos, teve um fim de gravidez que poderia comprometer a saúde da filha. O preparo da equipe e a estrutura da UTI garantiram um parto bem-sucedido

JEITINHO

No prédio do ambulatório, as antigas salas de aula do colégio Ciem foram adaptadas para atender pacientes.

A estrutura é insuficiente e deverá ser substituída com o novo prédio, depois das reformas

**REFORMA**

Parte do dinheiro conquistado pela bancada do DF, de 11 parlamentares, vai para o estacionamento do ambulatório e o calçamento da área de passagem para o prédio principal

**RESPONSABILIDADE DA ADMINISTRAÇÃO**

Direção do HUB quer mais participação do governo federal e Secretaria de Saúde

Além do problema da carência de funcionários, ainda existe no hospital a incerteza de administração. Para o diretor André Vianna, às vezes, falta maior responsabilidade tanto do Ministério da Educação quanto da Saúde e do Governo do DF. Para ele, cada parte do governo deveria aumentar sua cota de dedicação.

O MEC, por exemplo, deveria preencher as vagas dos que se aposentam pelo ex-Inamps. "Isso resolveria o problema de pessoal", defende. Para o diretor do departamento de ensino superior do ministério, José Luiz Valente, o MEC cumpre, e muito bem, sua parte. "O dinheiro do programa de reforço pretende pagar parte do pessoal que foi contratado para prestar serviço. O ministério não tem como suprir a carência de pessoal dos hospitais universitários", argumenta.

O governo federal também liberou US\$ 100 milhões para o MEC investir em equipamentos de hospitais universitários. Para o de Brasília, virão máquinas no valor total de US\$ 2,63 milhões. Entre elas, talvez o tomógrafo, que custa perto de US\$ 500 mil e aparelhos de hemodiálise mais modernos. Aliás, uma das maiores deficiências do hospital é exatamente a de equipamentos. No setor de radiologia, segundo Vianna, a máquina mais moderna tem pelo menos 20 anos de uso.

Em um ponto, no entanto, HUB e MEC estão de acordo. Os professores, dedicados ao ensino prático da medicina, deveriam receber salários maiores por também se tornarem médicos, eticamente responsáveis por cada um dos pacientes que atendem — objetos de estudo do universitários da graduação e da pós-graduação.

Segundo Valente, o ministério estuda uma forma de remunerar de forma diferente a atividade docente dentro dos hospitais universitários. "Afim de contas,

além de professor, o profissional também está sendo médico. Só que, na prática, ele apenas recebe o salário de docente", explica Valente.

A parte do Ministério da Saúde, conforme Vianna, seria o de investimento em equipamento. "Além do pagamento de custeio, a Saúde poderia comprar equipamentos mais modernos para o hospital." A resposta da Saúde, repassada pela assessoria de imprensa: "A obrigação do ministério é cumprida. Todos os procedimentos realizados no hos-

pital são avaliados pela Secretaria de Saúde do DF e pagos mensalmente. Essa é a incumbência do Ministério não só com o HUB, mas com todos os hospitais do país, que recebem pelo serviço que prestam".

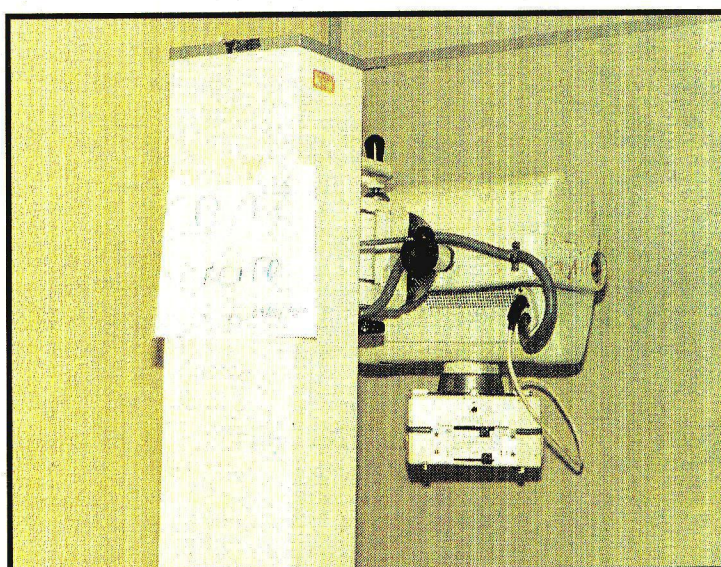
Vianna diz que o governo distrital também deveria dar mais atenção à instituição que presta atendimento à população do DF. Em primeiro lugar, deveria eliminar o limite de repasse financeiro. Atualmente, o HUB recebe mensalmente perto de R\$ 1,1 milhão por mês. O di-

neiro, antes de chegar aos cofres do hospital, passa pelo crivo da secretaria de saúde.

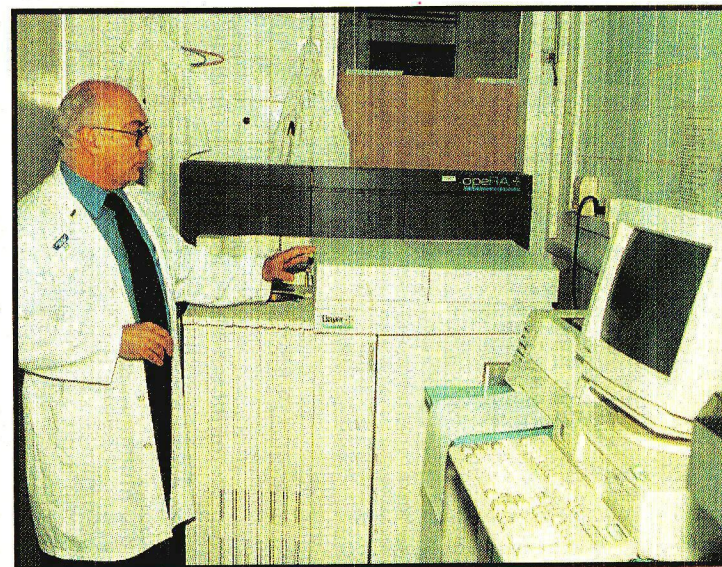
Mesmo se o HUB trabalhar para ganhar R\$ 2 milhões, a Secretaria repassará os mesmos R\$ 1,1 milhão. É um teto estabelecido e, por enquanto, não há previsão de mudança. Segundo Vianna, o dinheiro deveria chegar ao hospital sem cortes. No entanto, conforme o secretário de Saúde do DF, Jofran Frejat, o Ministério da Saúde também estabelece um teto para a região. "Nenhum hospital da rede recebe o que produz. Não posso tratar o HUB diferente dos outros", afirma Frejat.

Pelos números da Secretaria, as 70 instituições de saúde do DF (afirmam os hospitais e os centros de saúde) trabalham para ganhar mais de R\$ 14 milhões por mês. No entanto, segundo Frejat, o Ministério só libera R\$ 7 milhões. Desse total, o HUB recebe em torno de 15%.

É certo que o dinheiro é pouco. Difícilmente um hospital estará suprido de todos os equipamentos modernos para atender à população. Mas, por enquanto, apesar da boa vontade dos governos, federal e distrital, o HUB ainda capenga. Quem perde? A população, claro.



Espelho da área de radiologia: equipamentos velhos e quebrados



O equipamento mais moderno analisa o sangue em poucos minutos